

RODOLFO COELHO CAVALCANTE

UM CASO DE PELEJA ENTRE ORALIDADE E ESCRITA

Martine Kunz

Grande texto oral impresso, segundo a expressão de Jerusa Pires Ferreira, a literatura de cordel encontra na oralidade sua força e vitalidade, uma oralidade presente nas fontes, na performance e na memória dos folhetos.

A ORALIDADE DAS FONTES: O folheto inscreve-se em parte na continuidade da tradição literária ibérica e do romanceiro peninsular, mas ele deve sua forma versificada e maior parte de seus temas à cantoria, a poesia improvisada e cantada dos repentistas. Tradução dessa filiação entre oralidade e escrita, o ciclo das pelejas no repertório temático da literatura de cordel remete à transcrição escrita, real ou imaginada, dos desafios entre cantadores. Vários estudiosos evocam também a influência da tradição africana das histórias cantadas ou contadas, os *akpalô*, introduzida pelos escravos no Nordeste brasileiro. E toda essa tradição oral rica e diversificada que faz a resistência e a originalidade da literatura de cordel.

Tão logo é consignado na escrita, o texto pensa já na sua emancipação. A escrita é apenas uma pausa antes de ir ao encontro do folheteiro que vai cantar o texto para um auditório de possíveis compradores, ou do leitor alfabetizado que vai lê-lo para um público de ouvintes.

A ORALIDADE DA TRANSMISSÃO: Não se pode pensar o cordel independente de sua performance, sem a presença física e simultânea de quem diz e quem escuta, segundo a definição de Paul Zumthor. No Nordeste brasileiro onde o analfabetismo permanece elevado, a voz tem papel fundamental nas práticas culturais de origem popular. Nesse caso, a transmissão oral resolve a contradição aparente de uma literatura impressa para um público analfabeto. O papel das rimas e do ritmo dos versos é menos estético do que funcional e mnemônico e remete a uma

produção literária mais ouvida do que lida. Afinal, o folheto é apenas o suporte de textos captados e gravados na memória de seu público.

A ORALIDADE DA MEMÓRIA: A memória dos folhetos é uma memória em movimento. De um lado, a forma versificada da escrita facilita a memória poética, ritmada, rimada e algumas histórias atravessam o tempo como protegidas por essa forma resistente, mineral, que retém e exalta ao mesmo tempo uma arte ameaçada. Por outro lado, não é uma memória fechada e monolítica, ela autoriza a passagem à prosa para continuar a história, quando as estrofes se perderam na opacidade do esquecimento. É uma memória dinâmica que permite a atualização, a reformulação. Não raro, uma mesma história é retomada por diversos poetas, ou um mesmo folheto circula sob várias versões orais. A escrita não fixa a história, sempre suscetível de novas adaptações. É uma memória em comunicação, uma memória compartilhada.

Uma vez ilustrada a primazia da oralidade na literatura de cordel, podemos assistir à peleja de Rodolfo Coelho Cavalcante. A nossa intenção é apresentar esse poeta popular do Nordeste brasileiro, autodidata, comunicador espontâneo com grande talento de improvisador e verve convincente, e mostrar como, a partir de um desejo de reconhecimento social e literário, esse poeta de literatura de cordel tornou-se um campo de batalha singular, onde escrita e oralidade enfrentaram-se.

Como falar da vida de Rodolfo Coelho Cavalcante? Uma das maneiras, eficaz e rápida, seria o resumo seco, cronológico, neutro, pouco adjetivado, com datas e números, filiação e endereço, uma ficha afinal. Daria mais ou menos isso:

Rodolfo Coelho Cavalcante nasceu em 12 de março de 1919, em Rio Largo, hoje Gustavo Paiva, Alagoas. Era filho de pais operários, Artur de Holanda Cavalcante e Maria Coelho Cavalcante. Radicado em Salvador desde 45, morava na rua Alvarenga Peixoto, 158, no bairro Liberdade, Salvador da Bahia. Morreu no dia 7 de outubro de 1986.

Por mais preciosas que sejam essas informações, elas pouco nos dizem da personalidade do homem, não o tornam presente entre nós. Eu tive a felicidade de ouvir Rodolfo contar-me a história de sua vida. O relatório era incompleto mas desenvolto. Rodolfo seguia os meandros de sua memória, fragmentada, seletiva, mais emotiva do que mecânica, mais imaginativa do que fiel. O esforço de responder cedia sua vez ao prazer de dizer. A mecha de cabelos rebelde, o olhar vivo, o gesto amplo pareciam participar dessa performance. Eu me lembrava então do bom folheteiro, do bom vendedor de folhetos que ele era. Rodolfo não cantava seus folhetos, mas fazia uma leitura dramática dos mesmos. Disse o poeta em entrevista de fevereiro de 1980: “Antigamente o trovador de cordel vivia exclusivamente dos seus livros, ele ia ter contatos com o público, ele ia pra feiras, cantava. Eu por exemplo transmitia a minha mensagem lendo os meus folhetos, fazia graça, assumia o papel do personagem no folheto, se chorasse, eu chorava; se gritasse, eu gritava. Tinha outros que cantavam. Hoje, o mercado não é como era. Hoje, nós vendemos mas sem ler, sem cantar os nossos folhetos. E olhe que o povo do interior só compra o folheto depois que a gente o canta ou lê em voz alta para a assistência.” Na verdade, Rodolfo me contava tudo isso como se estivesse me vendendo um folheto. Sua vida me parecia uma coletânea de folhetos. Em clima de aventura, a infância desfilava seu enredo engenhoso, a sua cascata de incidentes extraordinários, as emoções fortes e simples, a luta desigual, impiedosa, travada pelo herói para vencer as dificuldades.

A vida de Rodolfo tem algo de exemplar. Como para insuflar coragem nos ouvintes, os desfechos mostram vitórias. Tudo é fora do comum, a começar pela miséria. A tragédia é rotineira. Entre as pisas da mãe e os chutes do pai, Rodolfo carrega água, vende frutas e tapioca, pega frete na feira, vende jornais e bilhetes de loteria, e se torna propagandista de lojas comerciais. A vida é ligeira. As pausas são patéticas. No carnaval de 1929, aos 10 anos, ele é raptado pelo Papa-Figo, atropelado e desenganado. Mas o adolescente foge, pega a estrada, segue

a via férrea, descansa nas praças- tudo o que no mundo liga, comunica, junta. Rodolfo dá uma boa mexida nos dados do destino. Voltava-me à memória

As proezas de João Grilo de João Martins de Athayde, ou *As presepadas de Pedro Malasartes* de Francisco Sales Arêda. O anti-heroí, esperto, matreiro, pula das páginas. Eis o rapaz, infância alinhavada, adolescência desnutrida, andarilho matuto, dando prodigiosas voltas por cima, multiplicando piruetas e façanhas, revertendo situações, driblando a sabedoria dos poderosos, superando as vicissitudes da vida. É quando nasce o palhaço Pirulito no circo do Chocolate. E a roda do destino e dos anos gira no círculo do picadeiro. É o circo de Chocolate, de Cassimiro Coco ou o circo Strigni, nomes ressonantes, para onde convergem todas as artes. E Rodolfo não vai só montar esquetes, contar anedotas com a cara melada de branco, ele vai também ser autor de dramaturgia circense, manejar os bonecos falantes do teatro de mamulengo, aprender todas as magias, todos os truques e mesmo os segredos para fabricar remédios milagrosos, falsificar formicida e embalar pedras maravilhosas para dor de dentes.

É quando, de repente, o artista sai do círculo luminoso e mágico do picadeiro. A paixão é fulgurante e o casamento relâmpago com Hilda Moreira de Freitas. A pinta é de galã, a moral é de ferro. Não se pode convocar aqui o folheto de Jotabarro *Lampião e Maria Bonita Tentados por Satanaz*. Aos 20 anos, Rodolfo funda uma família e dá os primeiros passos de sua carreira poética. Era em 1939, o itinerário já percorrido anunciava o talento versátil do poeta prolífico, e a determinação do futuro líder. Profusão, generosidade, coragem, força de trabalho, tenacidade, Rodolfo precisaria de tudo isso para realizar, em 1955, em Salvador, o Primeiro Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros. No seu livro *Vida e Luta do Trovador Rodolfo Coelho Cavalcante*, Eno Theodoro Wanke nos transmite alguns números que, se não fossem reais e portanto trágicos, poderiam provocar o riso e a incredulidade. “Depois de cinco anos de gestação e de cerca de sete meses de trabalho intenso, nos quais segundo seu discurso inaugural, Rodolfo

escreveu 9.285 cartas, 732 telegramas, 58 reportagens, 1425 crônicas e noticiários, e “suportou” (sic) 91 serões noturnos, chegou, finalmente, o tão esperado acontecimento.”

Durante trinta anos de atividade de líder de classe, Rodolfo nunca deixou de lutar em prol de seus irmãos trovadores; e nem o poeta deixou de produzir. Morreu atropelado, no dia 7 de outubro de 1986, a um quarteirão de sua casa, quando voltava da tipografia onde mandava fazer seus folhetos. Com ele morreram todas as falas, todas as lábias, todos os versos e paródias que almejavam conquistar todas as rodas, roda de feira, roda de circo, roda de gente. A voz tinha que ter corpo, tinha que ter peito, para ressoar aos ouvidos de todos. Rodolfo na areia do picadeiro ou no asfalto da praça, no salão acadêmico, na redação do jornal, na sede de todas as instituições e até no Palácio presidencial, Rodolfo ousava falar, qualquer que fosse o interlocutor. Sede de fama, sede de glória com certeza, mas também e sobretudo, um prodigioso talento para comunicar. Autodidata, com escolaridade incompleta e apenas um curso de capacitação jornalística em 1959, Rodolfo se revelou um comunicador nato. Do dramalhão de circo à carta às autoridades, do papo de charlatão ao soneto lírico, do reisado ao texto jornalístico, há uma volúpia da palavra, uma avidez de texto, um entusiasmo grandiloquente no discurso, uma versatilidade na escrita que se reflete na sua produção de folhetos.

1939: o primeiro folheto foi o pontapé inicial de uma vasta produção começada no Ceará, firmada no Piauí e levada a termo na Bahia. *A triste morte de Jovina* registrava um *fait divers* tão insólito quanto trágico. Na Praia de Iracema, em Fortaleza, tinham morrido afogados uma meretriz, um poeta, um sargento que tentara salvá-los e um soldado que também tentara e não teve outra sina. Em pouco tempo, dois milheiros de folhetos vendidos. Em 1942, o futuro “Rei do Cordel”, assim o chamaria Jorge Amado, lançou *Os clamores do incêndio em Teresina*, também inspirado em fato real e de atualidade, revelando o repórter sensível e o poeta sempre de

prontidão. Foi o começo de um longo percurso, com ritmo intenso de produção. Incansável, Rodolfo escrevia, mandava imprimir, editava, administrava sua rede de revendedores e vendia, ele mesmo, seus cordéis, de terno e gravata na praça Cairu, junto ao Mercado Modelo, em Salvador. Apresentava-se como poeta da cidade, biógrafo, jornalista e moralista. Através da exaltação ou da sátira, do humor ou do patético, o “Maior Sortimento do Nordeste” como proclamava o autor, revelava o talento multifacetado do artista e a profunda intuição que tinha do mercado editorial. A multiplicidade dos registros estilísticos decorria da diversidade dos públicos visados. De antagonismos em contradições, a ambigüidade, por vezes, permanece. Rodolfo reivindicava uma dualidade de sua identidade poética. O poeta popular dobrava-se em poeta erudito: ele pertencia a várias academias literárias, cenáculos, associações literárias e chegou a publicar, por conta própria, obras de inspiração lírica e romântica, onde expressava seu ideal poético.

Quanto aos folhetos, o poeta os considerava poesia de sobrevivência: “A minha poesia é para ganhar dinheiro, é comercial; não é aquilo que eu penso...” ou ainda “Eu não tenho opinião, tenho a opinião que o povo quer comprar.” Além dessa atitude mercantilista assumida sem constrangimento, é preciso sublinhar outro caráter determinante de sua produção de folhetos, o da temática urbana. De modo geral, Rodolfo Cavalcante deixou de lado a inspiração mais tradicional dos poetas de cordel: arquétipos medievais, anti-heróis como João Grilo, Cancão de Fogo e grandes figuras da história nordestina. Elegeu uma temática mais engajada na modernidade e no tempo precipitado da vida urbana. Em entrevista ao *Jornal da Bahia*, Rodolfo declarava em 1975: “A temática varia de acordo com o local onde se vendem os folhetos; o trovador tem que ter várias espécies deles, pois o que vende na praça é um e na feira é outro.” Daremos a seguir dois exemplos comparativos a fim de ilustrar os vários talentos do poeta e comunicador Rodolfo C. Cavalcante.

Desde o início da carreira, escrevia biografias ou ABC biográficos. Foram publicadas as biografias de Rui Barbosa, Castro Alves, Catulo da Paixão Cearense, Getúlio Vargas, e tantos outros, políticos, historiadores, jornalistas... As biografias podiam ser de encomenda ou de cortesia, mas de modo geral, tratava-se de exaltar os grandes nomes da vida nacional.

A vida do escritor Joaquim Inojosa, Salvador, 1976: “Falar das atividades / De Inojosa no MODERNISMO / É enaltecer o Ideal / E o grande Patriotismo / Deste Escritor de talento / Que merece um Monumento / Pelas lições do Civismo!”

Do ponto de vista estilístico, os folhetos biográficos não apresentam uma grande originalidade. As estruturas são repetitivas, as laudações hiperbólicas, com muitos efeitos de retórica que compõem um discurso empolado e enfático, cerimonioso e definitivo. O poeta se afastava assim de tudo aquilo que faz a originalidade da literatura de cordel: as surpresas da imaginação, a audácia das imagens, a espontaneidade da inspiração. A forma nos manda de volta à oralidade, mas que tipo de oralidade? O tom declamatório exigido pelo panegírico não seduziria um público de feira ou de rodoviária, esse mesmo público não poderia memorizar essa história onde não acontece nada. Pois afinal a oralidade não é apenas performance, ela não é só versificação, rimas e ritmo, ela encontra seu verdadeiro sentido na escolha de uma temática que estabeleça uma convivência imediata e espontânea com o público. Uma convivência contemporânea da vocalidade. Esse tipo de folheto destinava-se com certeza a uma faixa de público letrado diferente do público tradicional. Pela mesma ocasião, o poeta firmava-se como detentor de um saber adquirido pela leitura e não pela tradição oral.

Outro folheto a pôr em paralelo é o de gracejos ou folhetos jocosos, como os chamava Rodolfo, tais como *A língua da mulher faladeira*, *O marido que trocou a mulher por uma TV a cores*, *História da mulher que passou a navalha no marido*, *Maria Mata Homem, a valente da Paraíba*. O folheto escolhido intitula-se *ABC da nova dança (Gute-Gute)*, 1978: “A dança de

hoje em dia / Difere de antigamente / Quando o rapaz e a moça / De modo conveniente /
Marcavam certo o compasso, / Juntando braço com braço / Muito respeitosa-mente.

Horrorosamente vê-se / A donzela e o rapaz / Pulando no mexe-mexe / Nos prazeres
infernais, / O rapaz desrespeitando / Por trás da moça pulando, / - Minha filha mêxa mais!

Indo um baile em Pau Miúdo / Na casa de Julião / Quase morro de vergonha / Quando
cheguei no salão / Uma moça me agarrou / Deu um pulo e me empurrou / Que me esparramei no
chão.”

A diferença de estilo é óbvia, nas biografias reina a ênfase e a tentação da erudição,
enquanto no *ABC da nova dança (Gute-Gute)*, a linguagem é direta, descritiva, sem abstrações
nem pretensão erudita. Os públicos implicados são distintos.

O outro exemplo comparativo refere-se à produção jornalística do poeta. A informação e
seu tratamento divergiam, dependendo do público. Em relação ao público do interior, o poeta se
preocupava mais em educar, divertir, moralizar, aconselhar, fazer chorar, rir e sonhar. Na cidade,
o folheto não podia cumprir a mesma função: a concorrência dos outros meios de comunicação e
a circulação maior das idéias e das palavras obrigava o poeta-jornalista da cidade a tratar a
informação seguindo outros parâmetros. Assim, o folheto *A verdade sobre o divórcio* apresenta-
se, tanto pelo tema como pelo seu tratamento, como um folheto cuja destinação era urbana. A
fonte de informações para tratar o assunto só podem ter sido os meios de comunicação como o
jornal, o rádio, a televisão. O tema dirigia-se a um público urbano cujas práticas de vida familiar
eram suscetíveis de transformação. Essa eventualidade era mais provável nos centros urbanos do
que no sertão. A dissolução do casal supõe, ainda hoje, uma autonomia da mulher dificilmente
encontrada no interior do Nordeste. O divórcio passa por cima do caráter sagrado da união ao
qual o povo sertanejo é mais apegado. Enfim, o folheto em questão era sobretudo urbano, pois o
poeta declarava-se a favor do divórcio. Embora o livrete não informe data de publicação, tudo

leva a crer que a edição é de 1977, já que o divórcio passou a integrar o código civil após a vigência da lei 6.515 de 26 de dezembro de 1977: “Casa-se a pobre mulher / Com um tipo beberão / Ou senão com um sadista / Sem alma, sem coração, / Vem o desquite, coitada, / Começa senda falada / Sem a justificação.”

Rodolfo comentava: “...esse folheto é vendido mais nas capitais, porque não é folheto para o interior, embora o sertanejo que tenha esclarecimento compre, mas não é para o analfabeto porque ele nem sabe o que é divórcio.”

O folheto seguinte nos levou a duvidar da tolerância e das reivindicações libertadoras do poeta. *A maneira da mulher não ter filhos* (4ª edição, 1976) é um folheto “informativo” que evoca a opção dos métodos anticoncepcionais, mas para condená-la através de um discurso absolutamente moralista e retrógrado. O argumento da “natureza” feminina apresenta a procriação como um dever, a finalidade da relação amorosa, por razões demográficas, religiosas e morais. Em meio a ameaças aterrorizantes sobre as “tais pílulas”, o poeta explica como se pode evitar ter filhos:

“Primeira maneira é / De nenhum homem gostar, / Não querer de forma alguma / Com um varão se juntar, / Ao depois:- viva sozinha / Trancada na camarinha / Pra nenhum homem lhe olhar.”

Nós estamos bem longe da afirmação do direito à liberdade concedido à mulher desquitada da cidade, para a qual é relativamente mais fácil contestar as regras de vida convencionais. Agora, a mulher só pode recusar a maternidade pela prática da abstenção sexual, a morte social e a reclusão. O poeta não a autoriza mais a ter outra identidade do que mãe de família ou assumir um destino outro que biológico. Mais uma vez, o discurso varia em função do público. O folheto sobre o divórcio é para um público urbano relativamente abastado, ao qual é concedida uma certa margem de liberdade individual; o segundo folheto é para a imensa maioria marginalizada: o direito ao desvio não é mais permitido, o tom é repressivo, autoritário ou paternalista. As normas

de comportamento rígidas não autorizam mais a transgressão. É como se o poeta fizesse questão de demarcar-se de um Nordeste arcaico e parado no tempo, através de uma visão estigmatizante e distante. Versos para o sertão ou a cidade, a feira ou a praça, folhetos de louvação ou de divertimento, de informação ou de conselho, de religião ou de política, a produção de Rodolfo Cavalcante revela não só o tino comercial e a esperteza editorial do poeta, como também o seu talento múltiplo, versátil, prolífico. A ambigüidade permanece, instigando a nossa reflexão em torno da dinâmica da literatura de cordel, suas contradições, tendências e mudanças ou deturpações. O texto pode revestir a forma da tradição e ao mesmo tempo perder de vista o essencial da oralidade: o jogo compartilhado, a gratuidade, a coesão social reencontrada. No entanto, o vigor do entusiasmo generoso e da abnegação idealista mantém viva, até hoje, entre nós, a memória do poeta e do líder, Rodolfo Coelho Cavalcante.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Marcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas, SP : Mercado de Letras, 1999
(Histórias de Leitura).
- ALMEIDA, Átila A.F. de & ALVES SOBRINHO, José. *Dicionário Bio-Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada*. João Pessoa: Ed. Univ. UFPb. 2 vols. 1978.
- ANTOLOGIA DA LITERATURA DE CORDEL. Fortaleza : Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social do Ceará. 2 vols. 1978.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Cinco livros do povo*. 2^a ed. Fac-similada. João Pessoa : Ed. Universitária UFPb. 1979.

CANTEL, Raymond. *La littérature populaire brésilienne*. Clément J.P. & Ria Lemaire eds.,
CRLA, Poitiers, 1993.

CARVALHO, Gilmar de. *Patativa poeta pássaro do Assaré*. Fortaleza : Editora Inside Brasil,
2000.

CAVIGNAC, Julie. *La littérature de colportage au Nord-Est du Brésil. De l'histoire écrite au
récit oral*. Paris : Ed. CNRS, 1997.

CURRAN, Mark J. *A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de cordel*.
Rio de Janeiro : Nova Fronteira & Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

KUNZ, Martine. *Rodolfo Coelho Cavalcante. Poète populaire du Nord-Est brésilien*. Tese de
doutorado do 3º ciclo. Paris : Université de la Sorbonne Nouvelle-Paris III. 1982.

_____. *Expedito Sebastião da Silva*. São Paulo : Hedra, 2000.

_____. *Cordel. A voz do verso*. Fortaleza : Museu do Ceará / Secretaria da Cultura e
Desporto do Ceará, 2001. (Coleção Outras Histórias, 6).

LEMAIRE, Ria. « Une littérature différente » In *Des conquêtes de Charlemagne au Brésil*.
Catálogo de exposição, sob a direção de Jean-marie Comte e Ria Lemaire. XV^e Congrès
International de la Société Rencesvals. Poitiers, França, 2000.

LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na Literatura de Cordel*. São Paulo : Ed. Moderna, 1982.

LITERATURA POPULAR EM VERSO-ANTOLOGIA. Belo Horizonte: Itatiaia ; São Paulo: USP ;
Rio de Janeiro : Fundação casa de Rui Barbosa, 1986.

LITERATURA POPULAR EM VERSO-ESTUDOS. Belo Horizonte: Itatiaia ; São Paulo: USP ;
Rio de Janeiro: Fundação casa de Rui Barbosa, 1986.

LUYTEN, Joseph M. (org.) *Bibliografia Especializada sobre Literatura Popular em Verso*. São
Paulo: Nosso Studio Gráfico Ltda, 2001.

SLATER, Candace. *A vida no barbante : a literatura de cordekl no Brasil*. Rio : Civilização Brasileira, 1984.

WANKE, Eno Teodoro. *Vida e Luta do trovador Rodolfo Coelho Cavalcante*. Rio : Folha Carioca Editora, 1983.

_____. *Rodolfo Coelho Cavalcante*. São Paulo : Hedra, 2000.

ZUMTHOR, Paul. *Introduction à la poésie orale*. Paris : Seuil, 1983.

_____. *A letra e a voz. A literatura medieval*. São Paulo : Companhia das Letras, 1993.